

PESQUISA NARRATIVA E PESQUISA-AÇÃO EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Santa Cruz do Sul – RS – Maio/2015

LANZARINI, Joice Nunes1 – UNISC - joice@unisc.br

GUSTSACK2, Felipe – fegus@unisc.br

Setor Educacional C

Áreas de Pesquisa em EAD N

Natureza: A

Classe: B

RESUMO

Este artigo apresenta a estratégia de pesquisa adotada para um estudo acerca do tema Incorporação das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas experiências de professores em formação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre junto ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul. Esta estratégia articula, de maneira inovadora, duas metodologias consolidadas na área da Educação – Pesquisa Narrativa e Pesquisa-Ação em ações de pesquisa desenvolvidas em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, adquirindo uma dupla dimensão: de investigação e de formação para os envolvidos. Desta maneira, esta pesquisa desenvolvida com 102 estudantes de 13 cursos de licenciatura, participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID de uma Universidade do sul do Brasil constituiu-se, para todos os envolvidos, em uma experiência de aprendizagem com as TIC.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa; Pesquisa-Ação; Comunidades Virtuais de Aprendizagem; Formação de professores.

1- Introdução

Este artigo decorre de um estudo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul – RS que teve como objetivo conhecer como vem se dando a integração das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC nas experiências de aprendizagem e docência de um grupo de professores em formação participantes do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência – PIBID3, em uma Universidade do Sul do Brasil.

A estratégia de pesquisa adotada no estudo, tema central deste artigo articula, de maneira inovadora, duas metodologias consolidadas na área da Educação: Pesquisa Narrativa e Pesquisa-Ação, em ações de pesquisa desenvolvidas em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, um tipo de abordagem em Educação a Distância, que explora a potencialidade interativa das tecnologias propiciada pela comunicação multidirecional. Uma de suas características é a de aproximar os atores do processo entre si, permitindo criar condições de aprendizagem em colaboração.

Desta maneira, a pesquisa, adquiriu uma dimensão não apenas de investigação, mas também de formação, constituindo-se, para todos os envolvidos, em uma experiência de aprendizagem com as TIC.

O texto que apresentamos é o relato desta experiência inovadora.

No item 2, que segue esta apresentação do contexto da pesquisa, apresentamos o referencial teórico que fundamentou a escolha pela estratégia e as metodologias utilizadas. Na sequência, detalhamos os procedimentos de pesquisa desde a constituição do grupo de pesquisa até o desenvolvimento das ações de pesquisa propriamente ditas.

2 - Pesquisa Narrativa e Pesquisa-Ação

Na área da Educação, por muito tempo, as pesquisas seguiram modelos aplicados nas ciências físicas e naturais, em busca da construção do conhecimento científico do seu objeto de estudo. Por conta disso, os fenômenos educacionais foram estudados de forma isolada, para uma análise acurada na qual se procurava isolar as variáveis que o compõem, a fim de constatar a influência de cada uma delas no fenômeno em questão.

Segundo Lüdke & André (1986), com a evolução dos estudos na área da educação, foi se percebendo que poucos fenômenos nessa área podem ser submetidos a esse tipo de abordagem analítica, pois em educação as coisas acontecem de maneira tão entrelaçada, que se torna difícil isolar variáveis e apontar claramente as relações de causa e efeito. Assim, à medida que as pesquisas em educação avançavam melhor se podia constatar a necessidade de renovação dos métodos de forma que pudessem atentar para a dinâmica dos fenômenos e captar a complexidade da teia quase inextricável de variáveis que agem no campo educacional.

As novas abordagens de pesquisa educacional surgiram, em especial nos últimos 30 anos, para responder, de forma mais adequada, às questões que emergiam da prática educacional. Essas metodologias foram influenciadas “por uma nova atitude de pesquisa, que coloca o pesquisador no meio da cena investigada, participando dela e tomando partido na trama da peça” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.7). Entre estas destacamos a Pesquisa Narrativa e a Pesquisa-Ação.

A Pesquisa Narrativa ganhou espaço na investigação da prática docente, entre outros motivos, por permitir que o professor seja, ao mesmo tempo, pesquisador e participante do estudo. Essa estratégia de investigação traz consigo a possibilidade de reflexão na ação docente, pois à medida que o professor expõe o caminho percorrido na sua trajetória, compreende a sua prática e potencializa sua singularidade, alcançando um conhecimento de si (SILVA; COSTA, 2010). Ou seja, ao narrar suas histórias, os participantes realizam uma reflexão pedagógica que lhes permite compreender causas e consequências da sua atuação. Essa reflexão possibilita a criação de outras estratégias que geram, por sua vez, novas reflexões, num processo recursivo de ação, reflexão, investigação, ação.

Ao narrar, o professor identifica fatos que foram, realmente, construtivos na sua formação e se coloca em um campo de reflexão, de tomada de consciência e de sentidos atribuídos à sua aprendizagem. Esse narrar implica, por parte do professor, uma retomada de conhecimentos adquiridos, do ponto de vista psicológico, antropológico, sociológico e linguístico que a narração de si e sobre si exige (SOUZA, 2006). Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida atribuindo-lhe novos significados. A narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a interpretação que deles

faz o narrador e, dessa forma, pode ser transformadora de si mesmo e da própria realidade.

A Pesquisa-Ação é outro método de pesquisa qualitativa que vem ganhando espaço no campo educacional. Barbier (2007) concebe a pesquisa ação como uma forma de pesquisa na qual há uma ação deliberada de transformação da realidade, possuindo dois objetivos: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações. Para o autor, a pesquisa-ação não é uma metodologia que permite trabalhar sobre os outros, mas sim, com os outros. Assim, ela leva o pesquisador a implicar-se com a estrutura social na qual está inserido e no jogo de desejos e de interesses dos outros. Por sua vez, o pesquisador também implica os outros por meio do seu olhar e da sua ação singular no mundo.

A íntima colaboração entre os membros envolvidos em uma pesquisa ação normalmente ocorre em um curto espaço de tempo, durante o qual se buscam mudanças contínuas, em espirais de reflexão e ação, no contexto concreto e o estudo das condições e dos resultados das experiências efetuadas. Essa talvez seja a característica mais importante da pesquisa-ação: ela propõe um processo integrador entre pesquisa, reflexão e ação, retornando continuamente para que haja o aprofundamento por parte do “pesquisadorcoletivo4” (BARBIER, 2007, p. 103).

A metodologia da pesquisa-ação comporta o estudo das ações e das aprendizagens que um grupo, um coletivo de pessoas realiza na própria dinâmica do movimento de transformação. Nas palavras de Pimenta (2005, p.523),

A pesquisa-ação tem por pressupostos que os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos. (...) Constatado um problema o pesquisador ajuda o grupo a problematizá-lo, ou seja, situá-lo em um contexto teórico mais amplo e assim possibilitar a ampliação da consciência dos envolvidos, com vistas a planejar as formas de transformação das ações dos sujeitos e práticas institucionais.

Foi o conjunto das características da Pesquisa Narrativa e da Pesquisa-Ação, em especial, a ideia de grupo com objetivos e metas comuns que busca aprendizagens, através de um processo de colaboração/cooperação mútua de ação-reflexão-ação, do diálogo entre a prática vivida e as construções teóricas formuladas acerca e nestas vivências, que nos inspirou a pensar a possibilidade de que a

interação do grupo participante da pesquisa acontecesse em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem – CVA.

3 - Comunidades Virtuais de aprendizagem

Para Almeida (2001), participar de uma CVA significa atuar nessa comunidade, dialogar, tomar decisões, trocar informações, compartilhar as aprendizagens resultantes de experiências e produzir conhecimentos. Assim, quem aprende e quem ensina tem a possibilidade de filtrar as informações que lhe são pertinentes, apropriar-se delas e as transformar em conhecimentos outros, ao mesmo tempo em que se transforma e volta a agir no grupo transformado e transformando o grupo. A partir desse entendimento, potencializa maneiras de promover a aprendizagem através de diálogos acerca dos conhecimentos, práticas, situações existenciais e propõe a problematização na elaboração coletiva e colaborativa de conhecimentos.

Na perspectiva da aprendizagem em rede, a energia da conectividade pode contribuir para a emergência de novas relações e sentimentos, cujas características principais são: independência, parceria, flexibilidade, tolerância, diversidade, solidariedade. Trata-se de outra via de interação, pautada pelo diálogo que pressupõe, na concepção de Freire (1996), compromisso com o outro, reciprocidade. Ou seja, uma situação de aprendizagem em que “o sucesso da comunidade toda depende de cada um de seus membros, enquanto o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um todo” (CAPRA, 1996, p. 232).

Para Catela (2011), uma Comunidade de Aprendizagem – CA pressupõem três noções essenciais: 1) existência de um espaço de partilha e construção das aprendizagens (que pode ou não ser um espaço físico); 2) a existência de um processo de aprendizagem que se suporta no apoio mútuo entre os seus membros e se caracteriza pela colaboração, interação, pertença a um grupo e sentimento de partilha de saberes e experiências e 3) pela definição do conceito de aprendizagem como sendo um processo de construção que se edifica ao longo de um percurso.

As CA funcionam de maneira que os papéis dos diversos participantes seinterligam e se complementam. Todos os membros da comunidade de aprendizagem, independentemente do papel assumido são aprendizes num processo interativo e progressivo de construção do conhecimento. As experiências

peçoais, as características individuais, as necessidades e objetivos de cada um são tomadas em conta e introduzidas no processo educativo de modo a dar sentido às aprendizagens enriquecendo-as com as contribuições individuais dos protagonistas do processo.

Os sistemas computacionais que dão suporte a essa abordagem são chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). No entanto, interessantes pesquisas têm sido realizadas avaliando o uso das redes sociais como ambientes de aprendizagem e comparando-as com os AVA, como o Moodle, por exemplo.

Algumas pesquisas citadas por Mattar (2013) concluem que os alunos preferem comunicar-se pelo Facebook a usar um AVA ou que o Facebook tem se mostrado um ambiente mais efetivo e eficiente para discussão de temas de aula, em comparação aos fóruns disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem. E, foi a partir dessa reflexão que passamos a considerar o Facebook a tecnologia mais potencial para a constituição da CVA com a qual desenvolvemos, por cinco meses, a pesquisa referenciada neste artigo. Contudo, destacamos que o foco, aqui, não é a tecnologia em si, mas a experiência vivida com ela.

3 - Estratégia de Pesquisa

O primeiro contato com os participantes da pesquisa foi presencial. Para fazer o convite aos estudantes de licenciatura, participamos das reuniões semanais dos subprojetos do PIBID nas últimas semanas do mês de abril de 2014. Ao todo foram doze encontros presenciais em que, acolhidos pelos coordenadores de subprojetos do PIBID, pudemos conversar com os acadêmicos sobre a pesquisa e esclarecer dúvidas acerca da metodologia. Como resultado desse convite, 102 bolsistas acadêmicos aceitaram participar da CVA no Facebook e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi apresentado e discutido com todos. Em números relativos, essa quantidade de acadêmicos que aceitaram participar da pesquisa corresponde a 31% dos bolsistas, vinculados a 13 licenciaturas da instituição pesquisada.

A primeira etapa da pesquisa foi organizada em três momentos: No primeiro, foi pedido que cada participante se apresentasse ao grupo e contasse as razões pelas quais aceitou participar da pesquisa. Além de proporcionar um momento em que todos se conhecessem, o objetivo aqui também era conhecer como estes acadêmicos percebiam o trabalho com as TIC na educação e qual a importância

atribuída à proposta de discutir o trabalho com as tecnologias na sua formação. No segundo momento, solicitamos que os pibidianos narrassem as suas experiências de aprendizagem com as tecnologias, e no terceiro momento, que narrassem suas experiências de docência com as tecnologias nas escolas onde atuam como bolsistas do PIBID.

Embora a dinâmica para a produção de narrativas e interações entre os membros da CVA tenha sido pensada inicialmente para funcionar de maneira assíncrona, por meio de *posts* no mural da CVA, em certo momento da pesquisa, percebemos que nem todos os participantes estavam publicando suas narrativas. Sensíveis ao fato de que algumas pessoas tem dificuldade de se manifestar publicamente e que isso poderia estar acontecendo com alguns membros desta comunidade, procuramos abrir canais alternativos para viabilizar a participação de todos. Primeiramente identificamos aqueles que até determinado momento da pesquisa não haviam participado das interações e enviamos a estes uma mensagem privada apresentando a ferramenta *Chat* do *Facebook* como uma possibilidade de viabilizar sua participação. Assim, a interação dos participantes da pesquisa passou a acontecer de duas maneiras: por meio de publicações na *Timeline* da CVA e por meio de mensagens privadas no *Chat*.

A leitura das narrativas produzidas pelos pibidianos nos três momentos da primeira etapa foi o foco dos esforços de pesquisa na segunda etapa. Nesta fase, nosso papel de pesquisadores foi interrogar os dados e deixar-nos interrogar por eles, apoiados pelos conhecimentos produzidos sobre o tema pesquisado. Tratamos de mapear aspectos que emergiam das narrativas e que ajudavam a identificar os sentidos atribuídos às TIC por estes professores em formação, que permitissem compreender como as TIC têm sido integradas na

sua trajetória de estudantes, e como isso tem repercutido nas suas experiências de docência nas escolas onde atuam como professores. Entendendo que os dados não se revelam diretamente aos olhos dos pesquisadores e nem este os enfrenta desarmado de todos os seus princípios, percepções e pressuposições, não há como estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda, bem como os resultados desse estudo. Dizemos que o pesquisador está implicado nos fenômenos que conhece e nas consequências desse conhecimento que ajudou a estabelecer. Ao encontro do que afirma Rubem Alves (1984), que “todo ato de pesquisa é um ato político”, Lüdke e André (1986)

destacam que o conhecimento específico do assunto pesquisado cresce a partir do trabalho do pesquisador que vem carregado e comprometido com todas as suas peculiaridades, especialmente com suas definições políticas.

A leitura das narrativas e principalmente os questionamentos que perturbaram neste processo de preparação para a fase final da pesquisa foram fortemente influenciados por essas definições políticas a que se referem Lüdke e André (1986) e isso pode ser percebido nos questionamentos que levamos ao grupo dando início à terceira e última etapa da pesquisa.

Nesta etapa final, na qual adotamos a metodologia da pesquisa-ação problematizamos alguns aspectos evidenciados nas narrativas. Como pesquisadores, assumimos uma postura de não indicar caminhos, não apontar soluções, mas de levar o coletivo a refletir acerca de suas experiências e traçar as dinâmicas do movimento de transformação.

4 – Considerações Finais

Tanto a pesquisa narrativa como a pesquisa-ação permite que os participantes da pesquisa sejam, ao mesmo tempo, pesquisadores e participantes do estudo. Nesse sentido, a pesquisa aqui descrita se apresentou com dois propósitos: de investigação e de formação (CUNHA, 2009). De investigação, na medida em que as narrativas e as reflexões produzidas na comunidade virtual de aprendizagem forneceram informações que nos ajudaram a responder os questionamentos apontados; e de formação, na medida em que se propunha oferecer a todos os licenciados refletir acerca de suas trajetórias, no que se refere ao trabalho com as TIC, favorecendo no contexto desta reflexão, novas aprendizagens que lhes permitissem redirecionar suas práticas. É claro que, para isso, o grupo deveria estar disposto a refletir criticamente a si próprio, questionar suas crenças e desconstruir seu processo histórico a fim de compreendê-lo melhor e repensar suas práticas – o que não foi tarefa fácil nem imediata.

Compreendemos que a fase inicial da profissão docente é um momento de grande importância na constituição da identidade docente. Participar do PIBID é antecipar a passagem de estudante a professor, o que normalmente só inicia na etapa de estágios e práticas nos cursos de licenciatura. Portanto, as experiências vivenciadas, os diálogos estabelecidos, a socialização dos saberes, dos modos de pensar de agir e reagir à própria formação de maneira proativa e dinâmicas, por

meio da ação-reflexiva, podem leva-los a modificar suas concepções de educação e as representações sobre o exercício da docência e, neste caso, sobre o trabalho com as tecnologias na escola. Envolvê-los nesta pesquisa foi oportunizá-los mais espaço para essa reflexão.

A estratégia de pesquisa relatada nesse artigo se apropriou de uma abordagem da Educação a Distância – as Comunidades Virtuais de aprendizagem – para proporcionar aos envolvidos uma experiência de formação na perspectiva da aprendizagem em rede, na qual a energia da conectividade pode contribuir para a emergência de novas relações e sentimentos, cujas características principais são: independência, parceria, flexibilidade, tolerância, diversidade, solidariedade. Trata-se de outra via de interação, pautada pelo diálogo que pressupõe, compromisso com o outro, reciprocidade. Ou seja, uma situação de aprendizagem em que “o sucesso da comunidade toda depende de cada um de seus membros, enquanto o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um todo” (CAPRA, 1996, p. 232).

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: ALMEIDA, F.J. (Coord.) *Educação à distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem – Projeto Nave*. São Paulo: PUC-SP, 2001, p.20-40.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 1984.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber, 2007.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CATELA, Hermengarda. Comunidades de Aprendizagem: em torno de um conceito. *Revista de Educação*, Lisboa, vol. XVIII. n. 2, p. 31-45, 2011. Disponível em: <http://revista.educ.ie.ulisboa.pt/arquivo/vol_XVIII_2/artigo2.pdf>. Acesso em: 07 maio 2015.

CUNHA, Renata Cristina da. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: V ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 5., 2009, Teresina. *Anais*. Teresina: EDUFPI, 2009. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em 07 maio 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MATTAR, João. *Web 2.0 e Redes Sociais na Educação*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set/dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf>>. Acesso em 07 maio 2015.

SILVA, Maria do Rosário de Fátima Vieira Da; COSTA, Maria Lemos da. Narrativas e pesquisa em educação: possibilidades formativas e investigativas. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 6., 2010, Teresina. *Anais*. Teresina: EDUFPI, 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_23.pdf>. Acesso em 07 maio 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

1 Mestre em Educação (2015) pela Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC; Especialista em Gestão Universitária pela UNISC/2005; MBA em Gestão das Tecnologias da Informação e da Comunicação em Educação pela PUC-RS/2006. Graduada em Ciência da Computação pela UNISC/2000.

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Graduado em Letras pela UFRGS Coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado na Universidade de Santa Cruz do Sul; Orientador do estudo apresentado neste artigo.

3 O PIBID é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Os projetos apoiados no âmbito do PIBID são propostos por instituições de ensino superior - IES e desenvolvidos por acadêmicos de licenciatura (bolsista de iniciação à docência) orientados por professores da universidade (bolsistas coordenadores de área), supervisionados e auxiliados por professores das escolas públicas (bolsistas supervisores), nas quais as atividades são desenvolvidas. Por sua abrangência nacional e pela rede de colaboração que se forma em torno deste programa, o PIBID é hoje um dos principais programas de qualificação da formação de professores para a Educação Básica do Brasil.

4 Para Barbier (2007) o pesquisador coletivo é um modo de organização do trabalho que busca assegurar a maior participação do grupo envolvido na construção coletiva do processo de pesquisa e na sua continuidade.